



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O historiador, o escritor, o indivíduo: tempo e narrativa em A náusea (1938), de Jean-Paul Sartre
Autor	JOÃO CAMILO GRAZZIOTIN PORTAL
Orientador	TEMISTOCLES AMERICO CORREA CEZAR

Título: O historiador, o escritor, o indivíduo: tempo e narrativa em *A náusea* (1938), de Jean-Paul Sartre

Autor: João Camilo Portal

Orientador: Temístocles Américo Corrêa Cezar

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo:

A presente pesquisa possui como objeto de estudo o romance *A náusea*, publicado em 1938 pelo filósofo Jean-Paul Sartre. O livro possui a estrutura de um diário íntimo, gênero que por si só denota uma maior interioridade e introspecção. Antoine Roquentin, o personagem-autor, narra sua vida à medida que a vive, tornando o próprio diário uma peça chave para os caminhos da sua existência. A escrita do seu diário lhe permite reconhecer a si mesmo, diferentemente da escrita de um livro de história.

É interessante notar que Roquentin é um historiador, e mora na cidade de Bouville justamente para escrever a biografia de um aristocrata do século XVIII que ali viveu. No entanto, ao longo do diário nos é narrado o seu desfalecimento com relação aos estudos históricos, pois desiste de escrever o tal livro – eis um dos problemas de pesquisa: por que Roquentin desiste de escrever um livro de história e decide, enfim, escrever um romance?

Ressalto que uma das prerrogativas existenciais do personagem é justamente viver o que ele chama de “aventuras”. Assim é quando ele ouve a melodia de um *jazz* e, logo em seguida, surge a voz de uma cantora – é então quando o seu sentimento de náusea desaparece. “Se amo essa bela voz é sobretudo por isso”, ele nos diz, “porque ela é o acontecimento que tantas notas prepararam, de tão longe, morrendo para que ela possa nascer.” Desse modo, a voz da negra é vivida enquanto uma experiência completa pelo fato dela, anteriormente, ter sido preparada pela melodia: a melodia é, logo, um “passado verdadeiro”, que lhe permite viver plenamente o tempo presente. Assim, a aventura seria o sentimento de acompanhar o transcorrer do tempo, fazendo com que a própria vida existisse *através* do tempo: sentimento esse propiciado, nesse caso, através da música. Os músicos são considerados, por ele, enquanto seres cuja historicidade fora trabalhada a partir de uma forma artística, na medida em que são “um pouco como heróis de romance; purificam-se do pecado de existir”.

Portanto, em oposição ao sentimento de aventura – leia-se, uma existência esclarecida através do passado –, há a náusea, que faz o personagem se ver perdido na sua própria historicidade, deixando-o à mercê de um presente abandonado e infrutífero. A náusea está relacionada, portanto, a uma falta de ligação entre passado, presente e futuro. A desistência da escrita do livro de história está imersa nessa reflexão, pois o passado do biografado, enquanto historiografia, é tão somente um passado inútil a Roquentin. Tal pessimismo historiográfico se manifesta, de maneira caricata, na figura do Autodidata, personagem que é um frequentador assíduo da biblioteca de Bouville. Com relação a ele, Roquentin nos diz: “Leu tudo; diante dele, há um universo. E se aproxima o dia em que dirá, fechando o último volume da última prateleira da extrema esquerda: ‘E agora?’”. O Autodidata, assim, é alguém para quem o conhecimento não toma forma útil, muito embora o conteúdo (passado) esteja presente.

Desse modo, trata-se de um problema com relação à forma com que o passado é transformado em experiência para a posteridade. Percebe-se que Roquentin não se reconhece através da narrativa histórica por um problema tanto temporal quanto linguístico, tendo em vista que tanto a temporalidade quanto a linguagem são estruturas condicionais da existência para a filosofia sartriana. A pesquisa, assim, é norteada a partir de uma reflexão geral acerca da escrita da história, tendo como metodologia um entrecruzamento teórico com autores como Paul Ricoeur, Hayden White, Nietzsche, Sabina Loriga, Frederic Jameson, Heidegger, Baudelaire, Hannah Arendt, François Hartog, Walter Benjamin e Marc Bloch.